

CRÔNICA

Vanda Célia vandacelia@uol.com.br



Óculos corrigem o ritmo



Apreguiça me conduzirá direitinho ao inferno. Nos últimos tempos, não li nenhum livro decente, não fui a bons filmes e não assisti a peças de teatro elogiadas pela crítica.

Na verdade, sequer ouvi algum disco recente. Dedi-quei-me a ver tevê ou a tentar descobrir, nos canais fechados, alguma produção genial como *Breaking Bad*, *House* ou *Lost*.

— Você escreveu sobre a cadeira e fiquei pensando se o próximo texto será sobre a bengala — disse um amigo atrevido e abusado, referindo-se à última crônica que publiquei aqui.

Pensei: nada de bengala. Vou falar sobre os óculos, uma vez que sempre valorizei o direito de enxergar. Aliás, de todos os sentidos, a visão é

aquela cuja perda mais assusta a humanidade.

Sempre renovei minha fé em Deus ao ajustar os óculos todas as manhãs. O olho exige correções, mas bem ali, na lateral da cabeça, estão as orelhas, perfeitamente posicionadas para sustentar as hastes. Só pode ser obra do gênio que nos criou.

Gosto imenso dos meus óculos. Eles me ajudam a ver mais longe, a enfrentar o sol e a ler. E a leitura é a única maneira pela qual vestimos, ainda que involuntariamente, outra pele, outra voz, outra alma.

Sem contar que os óculos representam uma espécie de licença oficial para desacelerar.

Enquanto os apressados saem correndo da cama para o mundo, nós, usuários de lentes e armações, somos

obrigados a cumprir um pequeno ritual: procurar os óculos, limpar os óculos, ajustar os óculos. Só depois enfrentar a realidade.

Com um modelo diferente de armação, a mesma pessoa pode parecer professora, escritora, arquiteta, médica ou crítica literária. Os óculos conferem uma respeitabilidade instantânea que poucas peças de vestuário conseguem oferecer.

A propósito: acabei de ver o filme *A Empregada*, na Netflix, em que a personagem usa óculos para inspirar confiança. É isso. Os óculos são imprescindíveis para quem precisa corrigir a visão, mas servem para muito mais.

Eles ensinam que enxergar não acontece automaticamente. É preciso foco. Ajuste. Distância adequada. Luz

suficiente. A vida também funciona assim. Há dias em que tudo parece embaçado. Não porque o mundo tenha perdido a nitidez, mas porque estamos olhando depressa demais. Os óculos lembram que vale a pena parar um instante, limpar as lentes da pressa, afastar os excessos e reencontrar os contornos das coisas simples.

Os óculos também oferecem vantagens estratégicas pouco reconhecidas pela ciência. Há dias em que desejamos certa distância da humanidade. Nada grave, apenas uma pausa. Nessas horas, nada melhor do que um par de óculos. Eles funcionam como uma discreta linha de fronteira entre nós e o resto do mundo. Protegem o rosto do contato direto, reduzem as intimidades não solicitadas e nos

concedem alguns centímetros preciosos de reserva. Atrás das lentes, podemos permanecer presentes sem necessariamente estar disponíveis.

Mais do que corrigir a visão, os óculos corrigem o ritmo. Com eles, a vida fica mais bonita quando observada com um olhar calmo, atento e feliz. Olhar. Ver. Não para medir produtividade nem para perguntar para que serve isto ou aquilo. Ver sem intenção. Ver para perceber que os olhos não estão cansados. Estão vividos.

***Vanda Célia é jornalista em Brasília, onde trabalhou no *Jornal do Brasil*, *Correio Braziliense*, *Jornal da Tarde* e *Revista Época*. Atualmente, atua em assessoria de imprensa.**